

Rio

ao João Clímaco Bezerra

Marly Vasconcelos

Um dia falarei do rio,
o rio que guardas nos olhos com um amor intenso.
Hoje admito a derrota
(sem pejo, qualquer constrangimento),
porque não nasci em Lavras da Mangabeira,
não vivi a história, a política, as festas do padroeiro
e nunca saboreei o gosto dos pequenos pecados do rio,
frutos da libido dourada e calorosa
como o amor da terra que embala alqueires,
léguas de plantações viçosas.
Não adianta penetrar no silêncio,
fechar os olhos, murmurar doces vocábulos.
Não possuo a magia que acaricia o dorso do rio
e perco o rumo do poema,
debilita-se a palavra.
Frágil, banho a ponta dos dedos no líquido do copo.
O contato da água me incita a prosseguir
e prometo que um dia
falarei de forma tão límpida do Salgado
que lágrimas descirão sôfregas em teu rosto.
Abrindo picadas, caminhos,
permanecerão estagnadas no vestígio de todas as idas,
voltas, colinas que subiste
e saberei que pela primeira vez
molhei os pés no teu rio.